



PROTOCOLO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL PARA ATENDIMENTO CLÍNICO EM CASOS DE RELACIONAMENTO ABUSIVO

Jéssica Pereira do Nascimento¹, Jordana Fontana²

¹Acadêmica do Curso de Psicologia, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. Programa Voluntário de Iniciação Científica da UniCesumar – PVIC/UniCesumar. pnaajessica@hotmail.com

²Orientadora, Mestre, Departamento de Psicologia, UNICESUMAR. jordanafontanaac@gmail.com

RESUMO

Relacionamentos abusivos consistem em uma relação marcada por violências, ora veladas e ora conspícuas, que, devido à cultura de dominação masculina, ocorrem principalmente entre homens e mulheres. De acordo com a concepção analítico-comportamental de controle coercitivo, entende-se que o agressor consegue controlar a mulher e mantê-la na relação, intercalando reforço negativo, punição positiva e punição negativa. Os altos e baixos no relacionamento, que a literatura entende como um ciclo abusivo, configuram um esquema de reforçamento intermitente, que faz com que a mulher tenha esperança na relação, ali permanecendo. Não só o controle faz com que a vítima permaneça, existindo também fatores determinantes relacionados à história de vida de cada mulher que auxiliam essa manutenção. Devido à gravidade do tema exposto, o presente trabalho teve como objetivo principal a criação de um protocolo analítico-comportamental para atendimento em casos de relacionamento abusivo. Para isto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a fim de analisar, de acordo com os pressupostos da Análise do Comportamento, os fatores determinantes do comportamento de permanecer na relação. A partir da compreensão dos antecedentes que resultam na decisão de não pôr fim a relação, foram sugeridas estratégias de intervenção a serem realizadas de acordo com cada determinante.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Comportamento; Controle coercitivo; Relação abusiva.

1 INTRODUÇÃO

Em sociedades construídas a partir de valores patriarcais, é comum a ocorrência de relacionamentos violentos e abusivos. De acordo com Barretto (2015), relações abusivas são aquelas nas quais existe um excesso de poder e controle sobre uma das partes, além de sentimentos de posse e objetificação do outro. Essas relações podem acarretar diversos prejuízos para a vítima enquanto inserida no contexto abusivo, além de consequências posteriores em detrimento do ocorrido, o que acontece mesmo quando a violência é velada.

Tendo em vista os danos que a relação abusiva causa às vítimas, a psicologia tem se debruçado sobre esses estudos, sobretudo a Análise do Comportamento. Segundo Souza e Vale (2017), relacionamentos abusivos, que em seu âmago apresentem qualquer tipo de violência, podem ser considerados um controle coercitivo, sendo este caracterizado por três processos: reforçamento negativo, punição positiva e punição negativa. Esse tipo de controle, de certa forma sutil, em última instância é prejudicial para a vítima e a mantém inserida no contexto abusivo.

Apesar da relação ser marcada, principalmente, por controle aversivo, onde o agressor intercala punição e reforço negativo, estudos demonstram a existência de esquemas de reforçamento positivo na dinâmica do relacionamento. Costa (2019) aponta isso na descrição do ciclo do relacionamento abusivo, sendo este, segundo a autora, caracterizado pelas seguintes fases: tensão e brigas, explosão, reconciliação e lua de mel.

Entende-se então que, a combinação de controle coercitivo com esquemas de reforçamento positivo presentes no ciclo abusivo, culminam na permanência da vítima na relação. Entretanto, a dinâmica de manutenção do relacionamento é complexa e envolve não só isso, mas também



determinantes ambientais do comportamento de permanecer na relação (PEREIRA; CAMARGO; AOYAMA, 2018).

A tecnologia comportamentalista se faz então útil nessa busca por determinantes, principalmente no que tange a noção de contingência e a análise funcional. Catania (1999) define contingência como sendo “a probabilidade de um evento pode ser afetada ou causada por outros eventos” (p. 81), uma relação de dependência entre eventos ambientais ou entre eventos comportamentais e ambientais, logo, é possível identificar a determinação de um comportamento a partir da identificação de seus antecedentes e suas consequências. Essa identificação é possível através da análise funcional, que, segundo Delitti (2001), é um dos instrumentos mais preciosos para a clínica analítica-comportamental visto que, a partir dela, é possível realizar o levantamento correto dos dados para o processo terapêutico.

Dessa forma, por meio da análise funcional dos determinantes ambientais do comportamento de permanecer na relação abusiva, faz-se possível a identificação de quais comportamentos alternativos podem ser ensinados no processo terapêutico para auxiliar a saída de vítimas de relacionamentos abusivos, tendo em vista consequências diferentes que mantenham então esse novo repertório comportamental.

Barretto (2018) enfatiza que devido à falta de conhecimento sobre o assunto, as discussões envolvendo a temática de relacionamentos abusivos ainda são recentes no cenário brasileiro, o que acaba por dificultar a identificação dos fatores que mantêm as vítimas na relação, assim como a delineação de estratégias de intervenção que contribuam para a quebra do ciclo abusivo. Portanto em vista dos problemas descritos, o texto se propõe a analisar funcionalmente, a partir dos pressupostos analítico-comportamentais, os determinantes ambientais do comportamento feminino de permanecer em um relacionamento abusivo, sugerindo então um protocolo analítico-comportamental de atendimento clínico que vise o ensino de novos repertórios comportamentais para as vítimas.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizada uma busca com o descritor ‘relacionamento abusivo’ no Google Acadêmico, filtrando resultados que utilizassem o termo no título dos trabalhos. Foram selecionados para leitura somente textos em português e que fossem de produção científica. Foram lidos os títulos e resumo dos trabalhos e selecionados aqueles que discutissem fatores determinantes da permanência de relacionamentos abusivos. Foram excluídos os textos que não abordassem fatores determinantes da permanência em relacionamentos abusivos, que não estivessem disponíveis ou que fossem repetidos. Além dos textos selecionados pela revisão bibliográfica, também foram incluídos textos de apoio para enriquecer a discussão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao fim da revisão bibliográfica, 5 textos foram selecionados para a discussão. A partir da leitura e análise dos textos, foi possível identificar as seguintes variáveis determinantes do comportamento de mulheres de permanecerem em relacionamentos abusivos: dependência financeira e emocional, esperança pela mudança de comportamento do agressor, preocupação com a criação dos filhos, regras religiosas e sociais, falta de rede de apoio, passividade, medo de serem mortas, baixa autoestima e culpa.



Os referidos determinantes, com exceção a esperança pela mudança de comportamento do agressor, que refere-se a um padrão comportamental resistente à extinção mantido por reforço intermitente (PEREIRA; CAMARGO; AOYAMA, 2018), podem ser considerados variáveis que condicionam a vítima a permanecer na relação para esquivar-se de consequências aversivas, ou seja, existe nessas relações, principalmente, a presença de esquemas de reforçamento negativo.

Segundo o que foi descrito por Medeiros (2010), para que haja a mudança de um comportamento é preciso que suas contingências mantenedoras sejam modificadas, dito isto, as intervenções sugeridas para cada variável determinante possuem como foco a mudança do contexto antecedente do comportamento das vítimas de permanecerem nas relações abusivas.

No caso da dependência financeira, a intervenção tem como objetivo auxiliar o processo de independência financeira da cliente, que pode se dar por meio do engajamento em atividades que produzam reforçadores positivos arbitrários (renda) para si e que a auxiliem nesse processo, como a matrícula em cursos profissionalizantes ou de graduação. Em relação à dependência emocional, a intervenção tem como foco a estimulação do repertório de autoconhecimento da cliente, repertório de assertividade, fuga/esquiva em relação ao parceiro abusivo e também o repertório discriminativo em relação ao comportamento do próprio companheiro (BASTOS; SANTOS; STEIN, 2014), além da estimulação da autoestima, autorresponsabilidade, aceitação e o engajamento na busca por novos reforçadores que não incluam o companheiro abusivo.

No que refere-se à esperança pela mudança do comportamento do agressor, é importante que a vítima compreenda a dinâmica do ciclo do relacionamento abusivo, pois, segundo Costa (2019), é comum que as mulheres tenham sentimentos de ambivalência com relação ao seu agressor por conta da configuração do ciclo da violência. Logo, o entendimento adequado acerca da dinâmica da relação pode possibilitar a quebra da expectativa da vítima em relação à mudança do companheiro. Os determinantes preocupação com a criação dos filhos e regras religiosas e sociais são entendidos, a partir de uma perspectiva analítico-comportamental, como sendo regras e autorregas, logo, o trabalho com estas se dá por meio do comportamento verbal, estimulando a cliente a elaborar questionamentos em relação ao seguimos dessas regras.

A falta de rede de apoio também atua como determinante do comportamento de permanecer em relações abusivas, cuja intervenção tem como objetivo a estimulação da construção de uma nova rede de apoio, podendo utilizar-se de ensaios comportamentais de como fazer novas amizades, além de refletir quais locais ela pode frequentar para isso. No caso da passividade, o manejo clínico acontece através da estimulação da assertividade da vítima. Segundo Cerqueira (2015), o terapeuta analítico-comportamental irá dispor de contingências em sessão para que possa ocorrer o treinamento da assertividade, que pode se dar através da modelação, ensaio comportamental e também tarefas de casa.

Em relação a baixa autoestima, esta é, segundo Guilhardi (2002), resultado de contingências de reforçamento positivo social, logo, uma intervenção indicada seria o desenvolvimento de um novo repertório comportamental que aumente a probabilidade de acesso a estes reforçadores. Por exemplo, se a cliente está inserida em uma relação abusiva onde sua única fonte de reforçadores é o companheiro, uma intervenção seria pautada na estimulação do engajamento em atividades que, diferentemente do parceiro, sejam capazes de reforçá-la positivamente, fortalecendo sua autoestima. Por vezes é possível se deparar com a inexistência de uma rede de apoio que ofereça este reforço positivo social para a vítima, e em casos como esse o terapeuta pode desempenhar este papel, fornecendo contingências e estímulos que façam com que a própria vítima enxergue suas potencialidades.



No que diz respeito ao determinante medo de serem mortas, a intervenção se baseia em caminhos a serem percorridos na instância judicial. Se faz importante também a elaboração de estratégias de proteção para a vítima, como por exemplo, locais propícios à presença do agressor a serem evitados e a ampliação do repertório social a pessoas que não façam parte do círculo do agressor. Por fim, a intervenção sugerida para o determinante culpa tem como objetivo a identificação, análise e alteração das contingências que produzem o sentimento de culpa (GUILHARDI, 2002).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise funcional dos fatores determinantes selecionados, entendendo como cada um atuava como antecedente do comportamento de permanecer em relações abusivas, foi possível elucidar as contingências, e consequências, que mantinham o contexto antecedente em vigor. Logo, utilizando-se de estratégias analítico-comportamentais, o trabalho apresentou um protocolo para atendimento clínico em casos de relacionamentos abusivos.

Se tratando de uma temática atual, a existência deste protocolo se faz útil principalmente pela forma sutil como o relacionamento abusivo se desenvolve, e também devido à falta de conhecimento de profissionais sobre o assunto. Algumas limitações foram encontradas durante a realização do trabalho, como a escassez de materiais que tratassem da temática. Sendo assim, a intenção do trabalho não é esgotar a possibilidade do tema, pelo contrário, se faz necessário novas pesquisas, principalmente no que diz respeito a recortes de classe e raça, tal como a proposta de novas estratégias de intervenção.

REFERÊNCIAS

- BARRETTO, R. S. **O que caracteriza o relacionamento abusivo?** Repórter Unesp. 2015. Disponível: <http://reporterunesp.jor.br/psicologa-explica-relacionamentos-abusivos-o-que-e-e-como-lidar-com-essa-situacao/>. Acesso em: 17 out. 2021.
- BARRETTO, R. S. Relacionamentos abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final. **Revista Gênero. Niterói**, v. 18, n. 2, p. 142-154, 2018.
- BASTOS, P. A.; SANTOS, M. M. dos S.; STEIN, S. C. Atendimento psicoterápico comportamental de uma mulher adulta com comportamentos característicos de dependência afetiva. *In*: BORGES, N. B.; AURELIANO, L. F. G.; LEONARDI, J. L. **Comportamento em foco 4**. São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental – ABPMC, 2014. p. 91-106.
- CATANIA, A. C. **Aprendizagem**: comportamento, linguagem e cognição. 4. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- CERQUEIRA, F. E Se Eu Falar? **Portal Comporte-se**, 2015. Disponível em: <https://comportese.com/2015/04/20/e-se-eu-falar-2>. Acesso em: 25 jan. 2022.



COSTA, I. A. Contribuições do feminismo para a compreensão e intervenção em casos de relacionamento abusivo. *In*: PINHEIRO, R.; MIZAE, T. **Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento**. Imagine Publicações, 2019. p. 244-263.

DELITTI, M. Análise funcional: o comportamento do cliente como foco da análise funcional. *In*: M. Delitti (org.). **Sobre comportamento e cognição**: a prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental, 2, 2001, p. 37-44.

GUILHARDI, H. J. Análise comportamental do sentimento de culpa. *In*: TEIXEIRA, A. M. S. *et al.* (org.). **Ciência do comportamento**: conhecer e avançar. Santo André: ESETec, 2002. v. 1. cap. 15, p. 173-200.

GUILHARDI, H. J. Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. *In*: Maria Zilah Brandão, Fátima C. S. Conte e Solange M. B. Mezzaroba (orgs.). **Comportamento humano**: Tudo (ou quase tudo) que você gostaria de saber para viver melhor. Santo André: ESETec. 2002.

MEDEIROS, C. A. Comportamento governado por regras na clínica comportamental. *In*: DE-FARIAS, A. K. C. R. **Análise comportamental clínica**: aspectos teóricos e estudos de caso. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 95-111.

PEREIRA, D. C. de S.; CAMARGO, V. S.; AOYAMA, P. C. N. Análise Funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. Paraná, v. 20, n. 2, p. 9-25, jun. 2018.

SOUZA, J. C. de; VALE, O. C. do. Controle coercitivo em relacionamentos abusivos: um estudo de caso. *In*: ANAIS DA MOSTRA DE PESQUISA EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2017. **Anais** [...]. Fortaleza, CE: DeVry Brasil; Damásio; Ibmecc, 2019. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/mpct2017/47335-controle-coercitivo-em-relacionamentos-abusivos--um-estudo-de-caso/>. Acesso em: 10 mar. 2021.